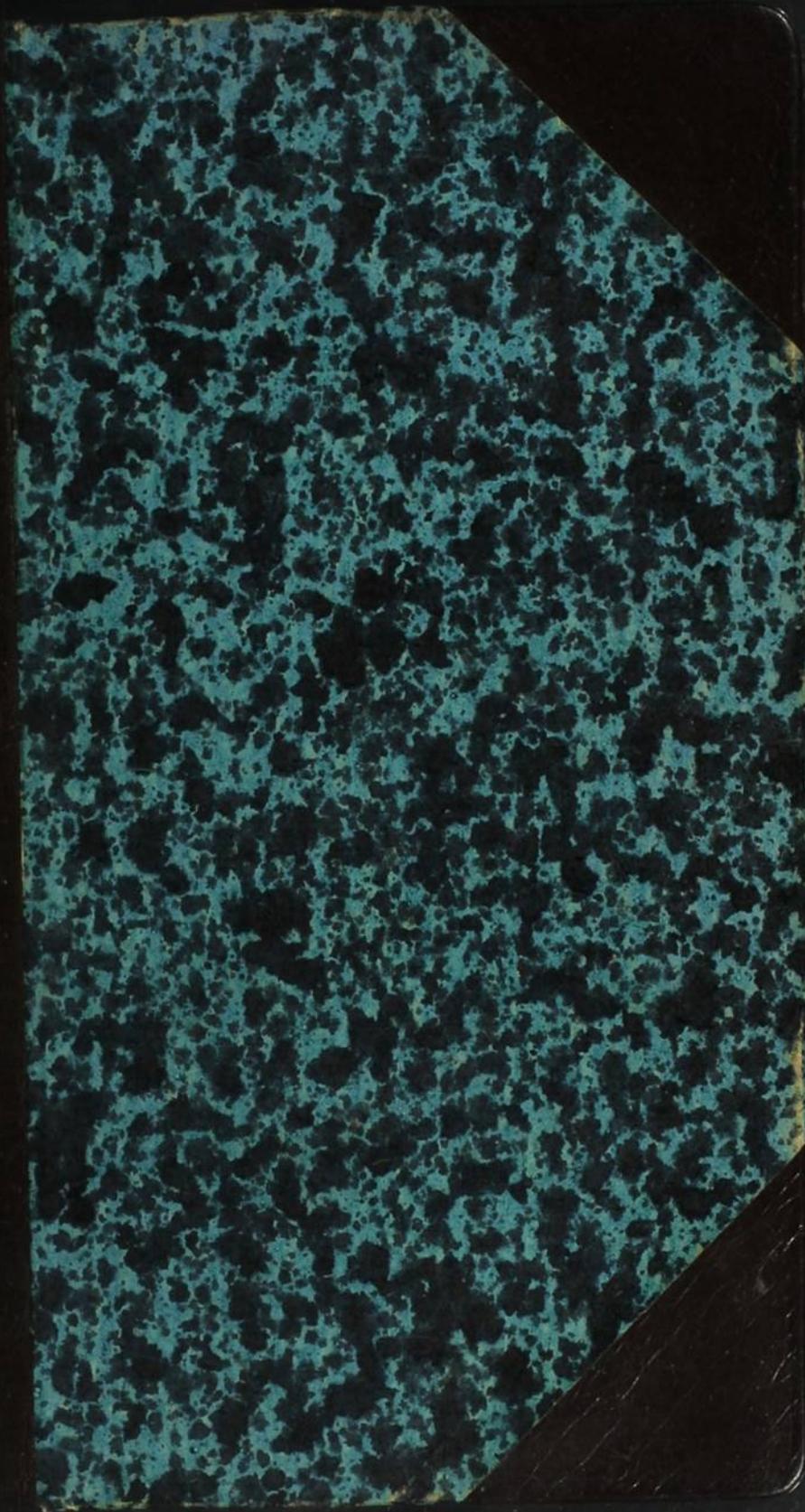


F. JUNIOR

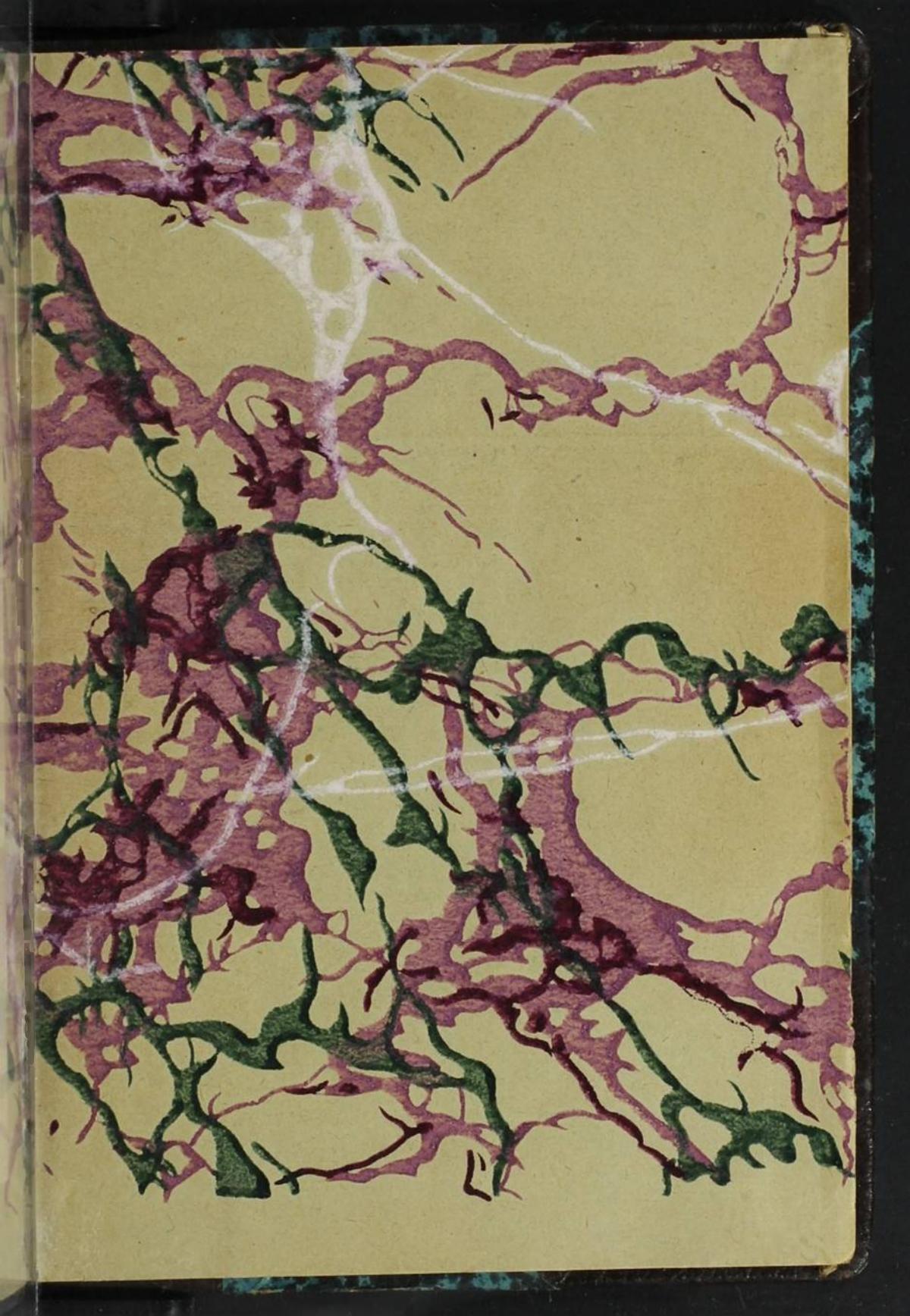
MEIA ORA DE CYNISMO

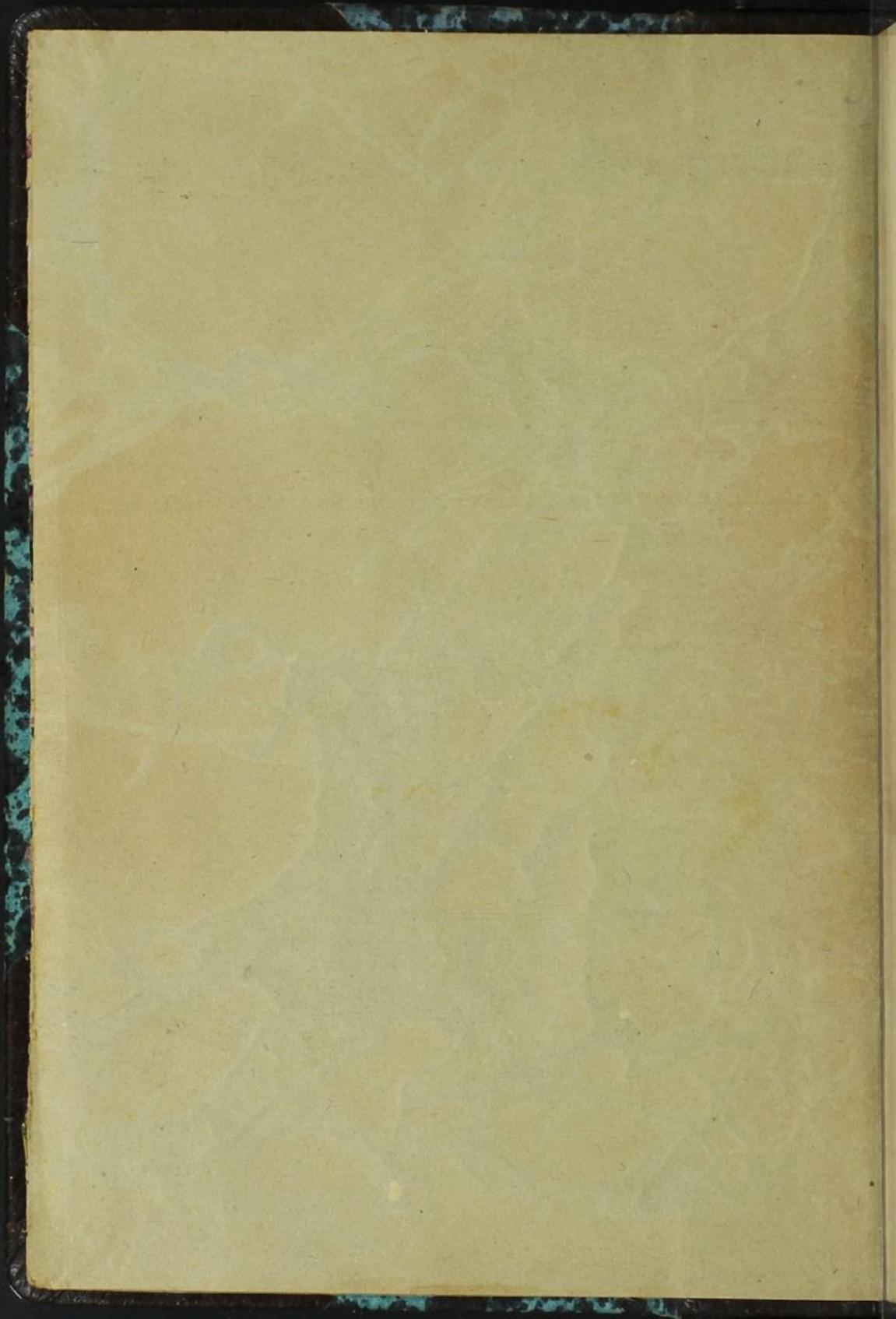


OLYNTHO SANMARTIN



EX - LIBRIS





C-16
234

MEIA HORA DE CYNISMO.

POR

Joaquim José de França Junior

ESTUDANTE DO 4.º ANNO DA FACULDADE DE
DIREITO DE S. PAULO



S. PAULO.

TYP. IMPARCIAL DE J. R. DE A. MARQUES
Rua do Rosario n.º 49.

MDCCCLXI

MUNY HORA DE CASTILHO.

101

Companhia de Theatro de S. Paulo

ESTADANTE DO 4.º ANNO DA FACULDADE DE
DIREITO DE S. PAULO

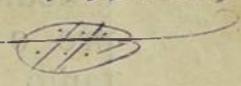
*Esta comedia foi representada pela primeira
vez no Theatro de S. Paulo na noite
de 17 Julho de 1861.*



S. PAULO.

TYP. IMPARCIAL DE A. R. DE A. MARGUES
Rua do Rozario n.º 49.

MDCCLXI

José Braz de Lérias
A' QUEM LÉR 

Duas palavras sobre aquelles que na noite de 17 de Julho de 1861 tanto contribuirão para o bom acolhimento, e feliz successo de minha primeira composição.

Apresentando-me pela primeira vez perante uma platéa intelligente e illustrada, dependia todo o meu futuro de artistas poderosos e eminentes, que podessem com o seu talento supprir o que a penna me negára.

Era assim que, depositando todas as minhas esperanças no Sr. Furtado Coelho e na Snr.^a D. Eugenia Camara, e nos Snrs. Leal, Peregrino, Henrique e Joaquim Camara, não fui illudido; e os applausos que obtive a *Meia hora de Cynismo* vierão confirmar por mais de uma vez o talento brilhante dos dous primeiros artistas, e o merecimento dos outros.

Exceptuando o Snr. Furtado Coelho e a Snr.^a D. Eugenia Camara, artistas superiores á todos os elogios, sem offender o merecimento dos outros, eu destacarei do grupo o Sr. Leal, que na parte de Frederico fez quanto póde fazer um actor de talento

e dedicação pela arte. Oxalá receba sempre o Snr. Leal as lições d'aquelle que tanto tem contribuido para melhorar o theatro de S. Paulo, e o seu nome será em breve uma gloria para o nosso palco.

O Snr. Peregrino, posto que lhe tocasse um papel de pequena importancia, deixou comtudo entrever a habilidade de que é dotado.

Os Snr.^s Henrique e Joaquim Camara identificarão-se perfeitamente com os typos que concebi.

Com taes soldados a victoria é certa.

PERSONAGENS.

ACTORES

Nogueira, Estudante do 2.º anno	<i>A. Rocha</i> Os Srs.	Bar
Frederico, Bicho (estudante de preparatorios)	Bar F. Coelho.	<i>Bar</i>
Neves, Estudante do 3.º anno	<i>L. G. Tava</i> Leal.	<i>João</i>
Macedo, Dito do 4.º anno	<i>Cavaleiro</i> Henrique.	<i>João</i>
Jacob, Negociante	<i>Beas</i> Peregrino.	<i>João</i>
Trindade, Caloiro	<i>Alvarina</i> J. Camara.	<i>João</i>
Um Official de Justiça	<i>Paula</i> d.E. Camara	<i>João</i>
	N. N.	—

A scena passa-se em S. Paulo.—Actualidade.

ACTO UNICO

O theatro representa o quarto de Trindade, no fundo uma porta aberta e uma janella; duas portas lateraes. Junto á janella um cabide com alguma roupa em desordem, uma estante com livros encostada á parede do fundo. A' direita um piano, uma mesa no meio com livros espalhados, e á esquerda uma cama com os lençoes e um cobertor encarnado em desalinho. Cadeiras etc. etc.

SCENA I.

Pras de Faria

(Ao subir o panno ouve-se dentro uma gritaria infernal, na qual devem sobresahir as palavras— ó caloiro, ó burro, ó ladrão de gallinhas, ó desfructavel, etc.)

TRINDADE, só.

TRIND.—(entrando furioso pela porta do fundo). Berra canalha!... Miseraveis!..... infames que assentão em desmoralisar um homem, qualquer que seja o lugar em que se ache. (pausa: mudando de tom). São gaiatices do Sr. Nogueira. (voltando-se para a platéa). Os senhores achão isto bonito? Quasi todos os senhores são veteranos, pois bem; colloquem-se na minha posição, e fação idéa com que cara passa um homem pela rua sacudido por uma vaia como esta que acabo de tomar!

Todas as janellas se abrirão, milhares de caras ás gargalhadas gritavão na minha passagem, *ó burro, ó desfructavel, ó ladrão de galinhas!*... Ora senhores, chamarem burro á mim que fiz ha dias uma sabbatina brilhante em Direito Natural, sim senhores, (*com expressão*) uma sabbatina brilhante, brilhantissima. Ao appello de meu nome marchei magestoso para o banco augusto dos eleitos, e então pela primeira vez elevei minha voz eloquente no sagrado recinto do templo da sciencia. Os senhores não forão á feijoada? pois não sabem o que perderão. Mas ah! qual não foi a minha desesperação, quando depois dos parabens e abraços dos meus collegas, vejo-me cercado nos Geraes da Academia por um grupo de segundo-annistas que, atochando-me um barrete vermelho na cabeça, obrigarão-me á correr pelo Largo *à guise* de uma victima do Santo-Officio. Julguei-me no meio de uma horda de selvagens, de Cafres, de Hottentotes, de Antropophagos, sim, de Antropophagos, porque estava vendo a hora em que me comião, em que me devoravão. Quiz resistir; porém quatro valentes piuvas, e milhares de punhos fechados que surdirão como por encanto do grupo negro que me cercava, embargarão-me a voz na garganta, e então pela primeira vez em minha vida tremi; tremi, não o négo, mas foi de raiva. (*indo á porta do fundo, e fallando para fóra*). Não de me pagar miseraveis; hei de lhes mostrar que não se desmoralisa um homem impunemente.

Berra canalha, que eu hei de á cacete
Rachar a cabeça de algum valentão,
Pregarem uma vaia, Domingo, na rua
N'um homem como eu que já tem posição!

Infames! eu juro que a minha vingança
Cruel e terrível tremenda ha de ser,
Quam póde um caloiro ferido em seus brios
Eu juro canalha que em breve hão de vêr.

Berra canalha, que eu hei de á cacete
Rachar a cabeça de algum valentão,
Pregarem uma vaia, Domingo, na rua,
N'um homem como eu que já tem posição.

Do sangue beber-lhes, de acre vingança.

.....

Mas ah! agora é que me lembro que ainda não almocei.... (*puxando o relógio e vendo as horas*). Bem; ainda falta um quarto para as onze: hoje é Domingo, e meus companheiros não almoção senão lá para o meio dia; provavelmente ainda estão dormindo, vou acordal-os. (*vai sahir pela porta do lado direito na mesma occasião em que entra Nogueira pela do fundo; olha meio atrapalhado para Nogueira que cahe de gargalhadas na occasião em que elle sahe*).

SCENA II.

NOGUEIRA, só.

NOG.—(*fumando um cigarro*). Que impagavel caloiro! E' peior do que uma barriça de

polvora ingleza. Não se me dá de apostar que si elle pilhasse uma pistola fazia-me alguma gracinha. Mas, coitado! prescindindo do desfructe e de todas essas susceptibilidades proprias da posição que occupa, é uma bella alma; fornece-me todos os dias de cigarros, e hontem levou a bondade ao ponto de pagar-me um bilhete de platéa. Mas onde está essa gente? (*virando-se para a porta do lado direito*) ó Macedo! (*voltando-se para o lado esquerdo*) ó Frederico!

SCENA III.

O MESMO, FREDERICO E MACEDO.

MAC.—(*de dentro*). O que queres?

NOG.—Vamos á prosa. (*Macedo e Frederico entrão pela porta do lado direito*).

FRED.—(*palitando os dentes*). Desconheci agora a tua voz: pensei que fosses o Araujo.

MAC.—(*deitando-se na cama tambem palitando os dentes*.) O que ha de novo por ahi Nogueira.?

NOG.—O que ha de novo? pois vocês não sabem?

MAC.—Si soubessemos não te perguntariamos.

NOG.—(*sentando-se*) Pois bem; vou contar-lhes. Ha pouco estava eu na janella do meu quarto com o Albuquerque, o Ignacio, o Martins, e mais uns quatro ou cinco collegas do Neves, que vão todas as manhãs filar-lhe o café de machina, quando vejo sahir do Largo do

Pelourinho, e dobrar a rua da Gloria a impagabilissima figura do Trindade. O homem apenas avistou-nos veio cambaleando e tropeçando em quanta pedra encontrava pelo caminho. Descrever então o que se passou é impossivel! Insensivelmente seguro em uma lata de folha que tinha debaixo de minha meza . . . (*mudando de tom*) mas entre parenthesis, vocês já almoçarão?

FRED.—Não nos vês de palito?

NOG.—(*rindo-se ás gargalhadas*). Que pagode: faça idéa como não estará o Trindade furioso.

FRED. E MAC.—(*admirados*). Pelo que?

NOG.—Pela tremendissima hypothese de almoço que vocês lhe pregarão. O homem hoje faz um assassinato.

FRED.—O almoço estava marcado para as 10 1/2 horas; elle chegou depois da hora, a culpa não é nossa: queixe-se de si.

MAC.—Ora o que é uma hypothese de almoço? Console-se comigo que já tenho tomado muitas de almoço, jantar e chá.

FRED.—(*sentando-se em uma extremidade da cama em que se acha Macedo*). Si eu contar á vocês o que se passou comigo ha quatro annos, talvez não me acreditem. Estava eu n'esse tempo no collegio do João Carlos, e estudava alguns preparatorios que me restavão para largar a maldicta casca de bicho, casca que até hoje ainda possuo, e julgo possuirei *per omnia sæcula sæculorum* si Deus me der vida e saúde, quando em um bello sabbado, sahindo do

collegio, deliberei lá não voltar senão d'ahi á uma semana; por outra, resolvi ficar na pandeda para entregar-me aos doces prazeres de uma tacada de bilhar no Lefebre, e respirar o ar puro e livre das ruas que eu só via aos Domingos e Dias Sanctos. Mas desgracadamente meus calculos falharão, pois metti-me na noite em que sahi do collegio n'um malfadado *lansquenet*, e perdi, ainda me lembro com que dôr, uns magros dez mil réis com que procurava satisfazer todos os meus sonhos e ambições de cascabulho. Sahi da tal casa leve como uma penna, sem um real no bolso, disposto já a vagar pelas ruas até que rompesse a aurora, quando encontrei-me com o Martins.

NOG.—Quem? o Martins que é hoje meu collega?

FRED.—Não: aquelle bicho muito pagodista que foi recambiado para o Rio.

NOG.—Ah! sim, já sei quem é.

FRED.—Mas como ia dizendo, encontrei-me com o Martins, e conto-lhe immediatamente o occorrido; elle solta uma risada, e diz-me que se achava nas mesmas condições, isto é, sem dinheiro, mas que entretanto morava já ha dous dias (note-se que o Martins tambem estava fugido do collegio) n'uma casa que um estudante do 4.º anno tinha deixado alugada nas férias. Introduzimo-nos na tal casa, e ahi (ah! nem sei como conte) passamos quatro dias á pecegos verdes, que em ceroulas colhiamos com as nossas proprias mãos de um rafado pecegueiro, que havia no quintal, como

outr'ora a bôa mãe Eva no estado primitivo colhia os fructos da arvore prohibida. No quarto dia eu estava mais magro do que um canivete do Capitão, e o Martins foi transportado para o collegio, por ordem do correspondente, com uma tremenda inflamação de intestinos (*Ri-em-se todos ás gargalhadas*).

NOG.—A poesia da nossa vida consiste n'esses bellos episodios. (*para Macedo*). O' Macedo dá-me um cigarro.

MAC.—(*tirando um cigarro do bolso, e atirando para Nogueira*). Tome, e sem exemplo. Na Rua de S. Gonsalo ha muito bons: mande comprar.

NOG.—(*prepara o cigarro, e tirando uma caixa de phosphoros de cima da meza, acende-o*). Não duvido: porém eu prefiro os teus. (*mudando de tom*). Silencio, que si não me engano ali vem o Trindade.

SCENA IV.

OS MESMOS E TRINDADE.

(*A' entrada de Trindade todos olhão para o tecto, palitando os dentes. Trindade fica por algum tempo mudo, e para disfarçar a sua perturbação, segura em um livro que se acha em cima da meza. Frederico, Nogueira e Macedo procurão abafar o riso*).

NOG.—(*dirigindo-se á Trindade*). Bom dia Doutor.

TRIND.—O senhor é bem ordinario, tão ordinario que não me abaixo á responder-lhe; e si não fosse attender á consideração de achar-se o senhor em meu quarto, já ha muito lhe teria quebrado uma cadeira nas costas.

NOG.—O Doutor está realmente queimado! quer que lhe vá buscar um copo com agua? *sans façõn*, sem cerimonia.

TRIND.—Senhor Nogueira, senhor Nogueira, não me insulte que eu hoje perco-me.

NOG.—Que mal lhe fiz eu Doutrinho? Dar-se acaso que sem o saber lhe tenha invadido a esphera juridica?

TRIND.—O senhor ainda se atreve á perguntar-me que mal me tem feito? Quando em plena rua se insulta um homem, e o desmoralisção só pelo simples facto de se achar elle ainda no principio de sua carreira; quando chama-se á um homem de burro e ladrão de gallinhas, sem que elle tenha ainda revelado estupidez, nem atacado gallinheiro de casa alguma, é preciso ter-se sangue de barata senhor Nogueira, para não calcar um miseravel d'estes á pés, e encher-lhe a cara de bofetadas. (*avançando para Nogueira*).

NOG.—(*pondo uma cadeira de permeio*) Não quer sentar-se Doutor?

TRIND.—Miseravel!

FRED.—Deixa-te de queimações estupidas Trindade, o Nogueira não tem culpa da hypothese que tomaste.

TRIND.—Tambem você só gaiatão, quer divertir-se a minha custa? Vamos lá, não

tem mais nada para dizer? Ora que eu seja n'esta casa debicado até per um bicho! Olhem por favor para aquella cara.

FRED.—Não é lá das peiores, não é das mais feias.

TRIND.—O senhor acha que eu sou o palito aqui da casa?

NOG.—(*para os dous*) Psica, psica: segura Minerva, (*para Trindade*) péga Turbante (*para Frederico*). Psica, psica.

TRIND.—Psica sô miseravel diz-se aos cães, e cão é você que vem aqui todos os dias filar cigarros, e mendigar muitas vezes objecções de Ecclesiastico ao Macedo, para fazer, além de tudo, um papel ridiculo na sabbatina. Eu sou caloiro, é verdade, porém a primeira vez que fallei em publico, não deshonrei o meu nome, nem salpiquei de lama a illustre classe á que pertenco. Vá perguntar aos collegas que figura fez o Trindade na sabbatina outro dia? e elles todos responderão —é a primeira que tem apparecido até o presente.—

FRED. E NOG.—(*tocão o bitû, e gritão*) Viva o Trindade! viva! viva!

MAC.—(*segurando no braço de Trindade, procura levá-lo para fóra do quarto*) Vai-te embora Trindade, que tu estás te prestando na vista aqui d'estes senhores (*apontando para a platéa*).

NOG.—Deixa o caloiro, Macedo, agora é que elle está começando á ficar impagavel.

TRIND.—Eu vou, senhor Macedo, e acredite que si não quebro as ventas d'este patife

(*apontando para Nogueira*) é em consideração ao senhor. (*Indo á direita*). O' moleque, quando estes senhores sahirem fecha a porta do meu quarto. (*á parte*). Hei de acabar com o tal pagode.

FRED.—(*á Nogueira*) Vámos para o meu quarto, antes que o Trindade quebre-nos as ventas. Além d'isso eu tenho que té fallar. (*Frederico e Nogueira sahem pela porta da esquerda*).

TRIND.—(*á parte*) Já tenho minha resolução formada, hoje mesmo ponho-me no olho da rua, e ficarei livre d'essas amolações continuas. (*sahe pela porta do fundo*).

SCENA V.

MACEDO, só.

E' hoje o dia em que tem de vencer-sê essa maldicta letra, e até o presente não sei o que fazer, não tenho um real, e nem sei mesmo onde buscar dinheiro para satisfazer esse compromisso de honra. Concordo que deixei-me arrastar por alguns momentos n'esse turbilhão de loucuras que se me apresentou, sem pensar, nem reflectir; porém quando a minha honra e o meu credito podião prejudicar-se, a razão fallou mais alto, e então fugi. Não querendo comprometter a minha dignidade, assignei essa letra, e não posso paga-la. Oh! maldictos sejam todos esses credores! (*sahe pela direita*).

SCENA VI.

NEVES, só.

NEVES.—(*entrando pela porta do fundo, fumando um cigarro, com as mãos no bolso do chambre, passeia por algum tempo distraído pela scena, senta-se em uma cadeira, e diz pausadamente*). Que cynismo! (*sahe lentamente pela porta da direita*).

SCENA VII.

NOGUEIRA E FREDERICO, (*entrando pela esquerda*).

FRED.—E' o que te digo Nogueira, hoje vence-se uma letra que o Jacób obrigou o Macedo á assignar—está portanto realmente encalacrado. Aquelle maldicto verdugo é capaz de fazer-lhe alguma, e eu antevejo um resultado bem funesto em tudo siso.

NOG.—Deixa o negocio por minha conta, e verás como se tracta um credôr de estudante. Acredita Frederico; um credôr de estudante é o animal mais covarde que pisa o solo de S. Paulo: com quatro gritos e meio abranda-se e humilha-se como o mais innocente cordeirinho. E então este que foge de um estudante atrevido, como o diabo da cruz! Além disso o Macedo é filho familia, e em face da nossa legislação não é responsavel pelas dividas que

contrahe; si quizer pagar é sómente para salvar a sua dignidade.

FRED.—E tu sabes qual é a Ordenação que tracta disso para lermos ao Jacób, quando elle vier?

NOG.—Não, porém é o mesmo: improvisa-se qualquer Ordenação, e elle engulirá a pilula com a mesma facilidade com que qualquer de nós engole uma das do Etchecoin. Deixa o negocio por minha conta e verás.

FRED.—Não faças alguma das tuas costumadas pagodeiras, que podes comprometter o Macedo. Eu fallo-te com experiencia; estou aqui ha mais tempo que tu, e em uma occasião quasi fui fazer companhia ao Tabórda por uma brincadeira d'esse genero.

NOG.—Por fallar em Tabórda: lembraste d'aquella noite em que o Villares foi encontrado pela patrulha nos degrãos da Igreja da Sé mais bebado do que um marinheiro inglez em terra, e que d'ahi foi levado em braços para a Cadeia?

FRED.—Si me lembro! N'essa noite tomei eu uma carraspana de cognac que deu-me para quebrar quantos lampeões encontrava pelas ruas. E' que a claridade me fazia mal.

NOG.—O pagóde não termina ahi: o melhor foi sahir o Villares no dia seguinte pelo largo da Cadeia de chambre e gorro bordado. Com que cara amarrotada vinha o pobre coitado; isso porém não o impedia de marchar ovanté e pretençioso como um sultão. Está hoje formado, casado, e dizem que é um excellente pai de familia.

FRED.—*O' tempora! ó mores!* que bellos tempos! (*suspirando*) Tens ali. . . .

NOG.—Um cigarro? ia te fazer o mesmo pedido.

FRED.—Pois deixa de ser filante, que é cousa muito ridicula.

NOG.—Qual, isto é boato espalhado pelos vinagres. Mas, mudando de assumpto, já sabes por quem o Trindade está solemnemente apaixonado?

FRED.—(*sentando-se na cadeira*) E' molestia de cabeça, não faças caso.

NOG.—Não, é real: é pela filha do Juca do Braz. Passa por lá todas as tardes, e é raro o dia que não venha para casa meio triste e meio alegre.

FRED.—Explica-te.

NOG.—Alegre, porque vê a bella, e triste, porque lhe dão vaias. A vaia parte da casa do Martins, e amanhã convidou-te para apreciarmos de lá o pagóde. E' uma paixão de Othelo!

FRED.—Qual, isto é um gracejo teu, porque realmente a Desdemonda é uma lambisgoia.

NOG.—E' uma paixão diabolica que o levou á loucura de empenhar um fraque! Isto deu lugar á que o Martins parodiasse esta poesia do Furtado Coelho—*Quero fugir-tê mas não posso ó virgem.*

FRED.—E sabes a parodia?

NOG.—Lá vai. (*sentando-se ao piano*) Quando pretendem vocês mandar levar esse piano lá para casa? Vocês souberão mandar buscar para o pagóde, mas. . . .

FRED.—Recita a poesia, e deixa-te de macadas.

NOG.—(acompanhando o recitativo)

Quero fugir-te, mas não posso ó fraque,
Ah! sou levado pela onça ingrata!
Quero fugir-te, mas fatal ataque
Me lança em terra, me desgraça e mata!

Lançado ao prego és meu vedado pomo,
Ninguem no mundo minha dôr comprehende,
Quero fugir-te, quero, sim, mas como?
Si a tua gôla me sorri, me prende?

Para enganar-me digo muitas vezes,
Que és velho, infame, que é loucura amar-te!
Então me lembro que não ha dous mezes,
Que eu fui á casa do Fresneau buscar-te.

Oh! quantas vezes eu passava as horas,
Mirando as graças de teu talhe airoso,
Hoje perdido para mim tu choras,
Pendido ao prego, ferrugento, idoso.

Fraque querido...

(representando). O' diabo, não me lembra o resto.

FRED.—Bravo, bonito, sim senhor.

SCENA VIII.

OS MESMOS E NEVES

NEVES.—(*entrando pela direita*). Que cynismo! Meus senhores, estou os cumprimentando (*tira do bolso um canivete e deitando-se na cama, começa á aparar as unhas*).

FRED.—Que furioso Cynico! E' capaz de levar todo o dia ali n'aquella cama, aparando unhas, e contando as taboas do tecto. Em S. Paulo ha duas classes de vadios; uns que, parecendo ter o dom da ubiquidade, se apresentam em toda a parte, em bailes, theatros, festas de Igreja, leilões do Joly, novenas, &c., menos na Academia; outros que, inimigos do progresso e da actividade, passam a vida no *dolce farniente* grammaticalmente estendidos n'uma cama, onde deixão á vontade crescer o abdomem. Tu pertences á primeira seita, e cá o senhor que está deitado á ultima.

NOC.—Fechaste a porta do meu quarto quando sahiste Neves?

NEVES.—(*pausadamente*) Sim, fechei. (*muda de posição na cama*).

FRED.—Tens um companheiro de casa assáz divertido!

NOC.—Ha dias que não diz uma palavra; no entretanto é o homem que mais aprecia uma prosa, deitado em uma bôa cama, já se sabe, sem nada dizer, mas prompto para tudo ouvir. E sabes qual é a especialidade de prosa que elle mais aprecia?

FRED.—Sem duvida caçada de veados ou crusamento de raças de cavallos?

NOG.—Nada, cousa mais seria; é a these das theses—a vida alheia. Respeita-o como uma das primeiras rabeças de S. Paulo: toca admiravelmente variações sobre motivos de qualquer thema; tem arcadas de Paganini. Tambem não respeita ninguem: é um verdadeiro pagão!

FRED.—E qual é o *systema* de rabequeação que elle mais aprecia? sim, porque ha diversos *systemas* de rabequeação.

NEVES.—Falleme mais alto que eu tambem vim para a prosa.

NOG.—Fallamos dos diversos *systemas* de rabequeação, e o Frederico tem a palavra.

FRED.—(*em attitude magistral*). Pois meus amigos, pela experiencia que tenho atrevo-me á offerecer-lhes uma brilhante prelecção sobre este assumpto. Querem?

NOG.—Sim, venha lá isso.

NEVES.—Tópo.

FRED.—(*com dignidade comica*) Ha sujeitos que rabequeião de uma maneira insinuativa: eu me explico melhor—ha sujeitos, por exemplo, que nas suas arcadas dizem: *O Nogueira é um tratante, um canalha, um miseravel, um caloteiro, mas no entretanto é bom moço, cumpre as suas obrigações, tem bôa alma: toma regularmente a sua carraspana, por divertimento já se vê, desmoralisa-se em lugares publicos, mas não é máo rapaz, tem bons sentimentos.* Este é o *systema* aristocratico, rabeça de

salão, e que tem grande numero de sectarios. O segundo é o *systema* dos ronhas. O ronha é o homem que exerce a *ronha*. A *ronha* pôde-se estender á todos os actos humanos: assim é, por exemplo, *ronha* o beato ou hypocrita que, acabando de bater nos peitos na Igreja, vem cá fóra entregar-se religiosamente ás delicias de Capua. Parece-me que não ha estudantes d'essa natureza; no entretanto, si é que ha, sou de opinião que andem de mantilha para se distinguir dos outros. Mas a ronha, applicada especialmente á *hypothese* vertente, é um certo desprezo e mesmo rancôr que alguns sujeitos parecem affectar n'uma presa de vida alheia, mas que entretanto extasião-se ás mais pequenas nótas do instrumento divino, como o poeta se expande diante do bello. Estes entrão sómente de ouvido, e são tantos os sectarios como os admiradores do Padre Pereira.

NOG.—A comparação é mesmo de bicho.

FRED.—Não me interrompa. O terceiro *systema* é o dos que fallão mal de tudo e de todos, e não encontrão nos homens senão defeitos: é o exclusivismo, e pecca como todos os *systemas* exclusivistas.

NOG.—E' o *systema* do Neves.

FRED.—Justamente.

NEVES.—Não tanto.

FRED.—O quarto *systema* é o dos que ra-bequeião por méro passatempo, para suavisar as horas de cynismo. E' este o *systema* que quasi todos nós seguimos, é o menos nocivo,

e o que produz meus males, porque não é o odio nem o rancôr que preside á prosa, mas apenas um desejo de pagóde. Taes são, senhores, as observações que tenho colhido de minha longa vida de bicho, e que procurarei ir aperfeiçoando com o correr dos tempos.

NOG.—Bravo! fallas com a experiencia de um velho: és um alcorão; entretanto esqueces o *systema* dos mitras, que tecem os maiores panegyricos á um sujeito pela frente, e por detraz não são rabecas, são rabecões.

FRED.—Cada dia apparecem novos *systemas*, e eu ultimamente não estou muito á par do progresso da sciencia, porque os credores não me deixão p r o nariz na rua.

NEVES.—Vocês estão muito cynicos.

NOG.—(*rindo-se*) Este desgraçado ainda acaba tocando realejo para se distrahir.

FRED.—O' Neves! diz alguma cousa para animar a prosa: estais mesmo de neve.

NEVES.—Vocês estão estupidamente cynicos: eu me retiro. (*levanta-se da cama e sahe pela porta do fundo*).

FRED.—O' Neves! amanhã apparece mais cedo para prosearmos. (*Nogueira e Frederico cahem de gargalhadas*).

SCENA IX.

FREDERICO, NOGUEIRA E TRINDADE.

TRIND.—(*entrando com dous negros aponta para as canastras*) Rapaz, segura ali. (*virando-*

se para o outro negro) Rapaz ajuda ali teu parceiro. Irra! Hoje acaba-se o pagóde, mudo-me, e está tudo decidido.

NOG.—(para Frederico) E' preciso abrandarmos o homem. O Macedo, quando souber que fui eu a causa da mudança do caloiro, queima-se comigo, e eu não estou para indispor-me com elle. Não quero ser o pomo de discordia d'esta casa. Vou fazer as pazes com o caloiro. (para Trindade batendo-lhe no hombro). Não sejas criança Trindade, foi uma brincadeira propria de rapazes.

TRIND.—Vá-se embora senhor, não me aborreça.

FRED.—Você também cavateia com qualquer cousa, encordoa-se por uma bagatella.

TRIND.—Pois é qualquer cousa, é bagatella ser um homem constantemente amolado, não poder dizer uma palavra que não lhe respondão com quatro gargalhadas, não poder sahir á rua sob pena de lhe gritarem: *ó burro, ó sandeu, ó caloiro?* Isto é bonito? é proprio de moços decentes e civilisados que frequentão os bancos de uma Academia?

NOG.—Concórdo com tudo que quizeres; mas dá-me um abraço, e façamos as pazes. (Trindade deixa-se abraçar um pouco friamente) Põe os pretos para lóra, e continúa á viver com os teus companheiros que te estimão como um bom menino que és. Deixa-te de criaçadas, e viva a pandega!

TRIND.—Pois bem, si jurão d'ora avante

tractar-me como um companheiro de casa, e não como um cão, fico.

NOG. E FRED.—Juramos.

TRIND.—(*virando-se para os negros*) Ponhão-se fóra. (*Os negros sahem*).

NOG.—(*abraçando á Tridade*). Viva a conciliação! Si tivéssemos uma bôa garrafa de vinho poderíamos tornar mais solemne este tractado de paz.

TRIND.—Si promettem cumprir o juramento, isso é o que menos custa. Tenho ali na canastra duas garrafas de vinho, que me restarão do pagóde que dei no dia de minha sabbatina....

NOG.—(*á parte*). Sempre desfructavel.

FRED.—(*á parte*). Lá vem a sabbatina.

TRIND.—(*continuando*).... e podemos esvazial-as.

FRED. E NOG.—Promettemos.

NOG.—Eu ainda levo a minha promessa mais longe: prometto que d'hoje em diante serei teu mais fiel e dedicado amigo. (*á parte*). O' magico poder do vinho.

TRIND.—Pois bem—viva a rapasiada, e vamos á pandega. (*Emquanto Tridade tira as garrafas da canastra, Frederico e Nogueira fazem-lhe gaisonas pelas costas.*) Aqui estão rapasiada (*dá uma garrafa á Nogueira, e fica-se com outra*).

SCENA X.

OS MESMOS E MACEDO.

MAC.—(*á parte*). Aproxima-se o momento fatal: é quasi meio dia, e o verdugo não tarda a apparecer. (*reparando para o grupo*). Pois que, já fizeram as pazes?

NOG.—Não ha copos nem saca-rolha.

FRED.—Saca-rolha ha um aqui em cima da mesa. (*tira o saca-rolha e dá á Nogueira*). Quanto á copos dispensa-se perfeitamente, podemos beber pela garrafa—é mais classico.

TRIND.—Está dicto, vai-se ao gargallo. (*recebe o saca-rolha e abre a garrafa*).

NOG.—Viva o Trindade. (*bebe*).

FRED.—(*tirando-lhe a garrafa*) Alto frente: ainda não bebi. A saúde de sua brilhante sabatina, senhor Trindade. (*vira a garrafa*).

TRIND.—Meus senhores, um brinde: á saúde da emancipação do primeiro annista, e á morte de todos esses prejuizos Academicos que herdámos da velha Coimbra. A' saúde de todas aquellas por quem nossos corações palpitação.

NOG.—(*para Frederico*). Percebo. A filha do Juca do Braz.

TRIND.—Viva a mocidade intelligente e briosa que abandonando, que abandonando, que....

FRED.—(*á parte*). Temos cabelleira.

NOG.—Não se engasgue, dê-me o carôço.

TRIND.—.... as affeições mais caras, o lar domestico e a terra que lhe deu o ser, vem

longe de tudo isso conquistar os louros que engrinaldarão a frente de Homero, Tasso, Petrarca, Dante e Camões que, cantando acções heroicas dos Lusitanos, enxergava um horizonte de glorias no futuro.

FRED.—E assim mesmo não via pouco; olhe que tinha só um olho.

NOG.—Pelo menos assim o diz a historia.

TRIND.—(*pulando em cima da cadeira com enthusiasmo*) Vou arrematar este brinde, senhores, bebendo á saúde d'aquellas idéas que mais se harmonisão com o estado de perfectibilidade e civilisação dos povos: á saúde das idéas republicanas. (*vira a garrafa toda*).

Viva o Porto
Viva o Madeira,
Não é tolice
Uma cabelleira.

(*Todos menos Macedo*)

Viva o Porto,
Viva o Madeira
Não é tolice
Uma cabelleira.

NOG.—(*á parte*). O vinho já começa á fazer effeito antes de tempo. (*para Trindade*). Passa-me a garrafa.

TRIND.—(*descendo da cadeira*) Já não ha mais nada. (*vira a garrafa de boca para baixo*)

MAC.—(*que durante esse tempo passeia pensativo*) Entretanto esquecerão-se de mim.

NOG.—Pois tambem estás hoje tão cynico! não sei o que tens.

TRIND.—(*mal podendo suster-se em pé*). Que diabo, anda-me tudo á roda. . . ., o tal vinho é forte. O' Nogueira, tu estás meio fardado, falla franco. Está-me tudo á andar á roda. . . . O' Nogueira anda cá, dá-me ali aquella vela para acender um cigarro. (*mette a mão no bolso, e tira da algibeira um lapis que põe na boca, julgando ser um cigarro*) Que diabo tem este fumo? (*olhando para o lapis*) Está furado. (*atira o lapis no chão*).

FRED.—(*encostando-se á mesa*) Furada está a tua cabeça.

NOG.—De que côr é esta linha Trindade?

TRIND.—Que pagóde minha comadre. Vem cá Mariquinhas, não fujas; olha que é teu bemzinho quem falla.

NOG.—(*segurando em Macedo, e puxando Frederico*) Não sejam cynicos, vamos formar aqui uma pandega, e apreciarmos o Trindade enquanto está impagavel. Dance-se o kankan, e viva o pagóde. (*A orchestra toca a ultima quadrilha da—Corda Sensivel—; Frederico e Nogueira dançam um kankan desesperado, e Trindade sempre cambaleando embrulha-se no cubertor encarnado, trepa em cima da cama, e ali dança um kankan infernal, no meio do qual Jacób apparece no fundo, e o kankan ainda continua.*)

SCENA XI.

OS MESMOS E JACÓB.

JACÓB.—(*entrando*). Com licença meus senhores. (*Macedo e Frederico escondem-se na porta da esquerda. Nogueira pára espantado, olhando para Jacób, e Trindade pulando da cama e indo de encontro á Jacób, obriga-o á walsar pelo meio da scena, e largando-o de repente, atira-o de costas*) E' d'esta maneira (*levantando-se e sucudindo a roupa*) que os senhores recebem as pessoas? (*á parte*) si não viesse buscar dinheiro. . . . é preciso humilhar-me para vêr si o pilho (*alto*) Não sabem dizer si o Sr. Dr. Macedo está em casa?

NOG.—Julgo que não. O senhor deseja alguma cousa? E' sem duvida dinheiro que vem buscar?

JACÓB.—(*risonho*). Como o Sr. Dr. adivinha; é isso mesmo. V. S.^a é muito pittoresco. Vençe-se hoje uma letra que o senhor Dr. Macedo assignou, e eu vim buscar os 300#000 réis, porque elle se obrigou.

NOG.—Queira sentar-se (*Na occasião em que Jacób vai sentar-se, Trindade puxa-lhe a cadeira, e atira-o de costas*).

JACÓB.—(*furioso*) O senhor não me deixará! (*á parte*). Este sujeito está bebado.

TRIND.—(*batendo-lhe no hombro*). Excelso vinagrão, eu te saúdo.

JACÓB.—(*risonho*) Isso é lisonja, Sr. Doutor.

NOG.—(*vai buscar o violão, e vem sentar-se*

em cima da mesa ao pé de Jacób) Tenha a bondade de explicar-se pausadamente para que eu o entenda.

JACÓB.—Eu já dice ao que vim (*Nogueira acompanha-lhe a phrase á violão*).

NOG.—Póde continuar.

JACÓB.—O Sr. Dr. Macedo deve-me já ha dous annos 300\$000 réis (*Nogueira acompanha-o á violão*) e para garantia d'essa divida pedi-lhe que me assignasse uma letra (*acompanhamento de violão*). Senhor Doutor, olhe que fallo serio: deixe-se de caçoadas (*acompanhamento de violão*).

NOG.—Sr. Jacób tenha a bondade de fallar outra vez, e repetir o recitativo, para vêr como é sonóro este acompanhamento. (*fêre o violão*).

JACÓB.—(*levantando-se*) Eu não vim aqui para ouvir musica, Sr. Dr.; quando quero vou ás retretas.

NOG.—Está incommodado, Sr. Jacób? a retrete é no fundo do corredor á esquerda. (*indicando a porta da direita*).

JACÓB.—Só o que desejo é fallar com o Sr. Dr. Macedo. (*acompanhamento*).

FRED.—(*para Macedo*) O Nogueira com aquelle debique é capaz de comprometter-te.

MAC.—Haja o que houver eu não appareço.

NOG.—(*continuando á tocar*). Ora, Sr. Jacób, esqueça-se d'isso: o Macedo está sem dinheiro, e ainda mesmo que tivesse é filho-familia, e não é responsavel pelas obrigações que contrahe.

JACÓB.—(*furioso*). Não é responsavel, Sr.

Doutor! não me diga isso: a letra está assignada por elle, e em nome de sua dignidade deve pagal-a.

TRIND.—(*dando uma encapellação em Jacób*).
Está queimado! Viva o Rei dos Vinagres!

JACÓB.—Olhe que o senhor está me fazendo chegar a mostarda ao nariz. (*faz menção de avançar para Trindade*).

NOG.—(*empurrando-o*) Ponha-se fóra.

FRED.—(*entrando para a scena*) Fóra! fóra!
(*Trindade dá uma porção de encapellações em Jacób, Nogueira dá-lhe com o violão nas costas, e Frederico cahe de gargalhadas*).

MAC.—(*entrando*). O homem queima-se, e é capaz de fazer alguma.

JACÓB.—(*sahe pela porta do fundo aos empurrões, e voltando, pára na porta*) Isto é um estorpicio, é um vandalismo. Por terem força julgão-se uns *Rockchilles*. Heide mostrar o que é um negociante offendido em sua dignidade! Eu já volto acompanhado (*sahe*).

SCENA XII.

FREDERICO, NOGUEIRA, MACEDO, TRINDADE E
DEPOIS NEVES.

TRIND.—(*ainda envolvido no cubertor encarnado, deita-se de barriga para baixo em cima da cama*). Quê pagodeira!

NEVES (*entrando com toda a fleugma*) Que algararra foi esta que vocês fizerão?

NOG.—Foi uma pequena correcção domestica em um credor.

MAC.—Vocês com o seu pagóde acabão de comprometter-me. O homem sahio desesperado.

FRED.—Elle é incapaz de queimar-se: aquillo foi fogo de cavaco.

NOG.—Eu responsabiliso-me pelo resultado.

TRIND.—(*levantando-se da cama*) Esteve riquissima a pagodeira. O' Nogueira! tu viste a cara com que sahio o Jacób? O homem sahio *vraiment* indignado. O' Frederico! passa a garrafa, e vamos beber á saúde do Jacób. Ora esta, homem, quem me vir é capaz de apostar que estou bebado.

FRED.—Qual, não tens nada: estás sómente com um fardão de grande gala.

MAC.—(*passeiando*). Vejamos qual é o desfecho d'essa tragedia.

NOG.—Eu já te dice que não te maces; deixa correr o negocio por minha conta.

NEVES.—Mas que diabo de cynismo: eu não os entendo.

TRIND.—Nem eu tão pouco, meu amigo.

NOG.—Pois eu lhes explico, meus amigos. O Macedo deve 300000 rs ao Jacób, elle veio cobral-os, e nós tocamol-o á cachações pela porta fóra. E' uma cousa muito natural, e que nada tem de extraordinario: seria extraordinario si o Macedo pagasse a divida e o deixasse sahir impunemente.

TRIND.—La isso é; tem toda a rasão. Mas que diabo tenho eu que está tudo á andar-me

á roda? E esta? parece-me que tenho tanta gente na minha frente; dar-se ha acaso que eu esteja em aula? O' Araujo! dá-me o compendio, e passa-me uma lição que eu estou *in albis*.

FRED.—(*segurando em Trindade e procurando leval-o para a cama*). Vae te deitar, Trindade, que tu estás meio incommodado.

TRIND.— Quem? eu incommodado? O' Frederico! não me insultes; olha, eu vou aqui á Republica visinha, e vê só a certeza com que ando (*vai cambaleando para o fundo da scena, e encontrando-se com Jacób, que entra com um official de justiça, atira-o no chão.*)

SCENA XIII.

OS MESMOS E JACÓB.

JACOB.— Não ha duvida—este sujeito está tocado.

TRIND.— Levante-se que eu não brigo com um homem deitado.

JACÓB (*levantando-se.*) Pois meus senhores, agora espero obter um melhor resultado, por que trouxe uma bôa carta de recommendação de pessoa influente, á quem os senhores não podem deixar de servir. (*tira do bolso uma citação, e entrega a Macedo*).

MAC. (*lendo*). E' uma citação; eis o desfecho terrivel que eu esperava de tudo isso.

NOG.— Uma citação!

JACÓB.— Quando vim pela primeira vez já a

tinha comigo, pois que sabia perfeitamente que o Snr Macedo havia de esquivar-se ao pagamento da divida; mas entretanto a maneira porque os senhores me receberão, o acolhimento benevolo que aquelle senhor (*apontando para Trindade*) prodigalisou-me, obrigarão-me a hir pedir o auxilio da justiça para fazer valer o meu direito: é a rasão porque volto agora com este senhor.

MAC.—E julga o senhor que vem fazer valer o seu direito quando usa de uma infamia?

FRED.—(*batendo o pé*) Sim é uma infamia.

TRIND. (*cambaleando para elle, e dando-lhe um arrôto na cara*) E' um desafôre; é uma vinagreira.

JACÓB.—Será tudo o que os senhores quizerem.

NOG.—Pois bem, si erão os seus designios comprometter a reputação sem mancha de um môço fazendo-o comparecer perante uma authoridade por um motivo que o diffama, e extorquir depois, abrigado á sombra da lei, o dinheiro que lhe roubou, si erão estes os seus designios, senhor Jacób, fique convencido que nunca os realisaria. Eu já volto (*sahe precipitadamente*).

SCENA XIV.

TRINDADE, JACÓB, FREDERICO, MACEDO, NEVES,
DEPOIS NOGUEIRA.

JACÓB.—(*á parte*). Elles todos fallão em dignidade, em vinagreira, e disem tudo o que lhes vêm á boca, mas quando têm de bater o cóbre, vêm com desculpas, quando não dão para atrevidos.

MAC.—Então com que o senhor esperava que eu havia de esquivar-me ao pagamento da divida? (*com furor*). O senhor é bem ordinario.

JACÓB.—Ora Snr Dr. isto não vai á zangar.

FRED.—(*á parte*). O que iria fazer o Nogueira em casa?

TRIND.—Esses credores são temiveis!

MAC.—E' bem triste a minha posição, porém a sua ainda é mais, é degradante. Digame finalmente senhor Jacób, o que pretende fazer?

NOG.—(*entrando apressado*). Cousa nenhuma. (*para Macedo*). Aqui tens o dinheiro que te devo

MAC.—Dinheiro que me deves?

NOG.—(*em voz baixa*) Cala-te, e accita. Senhor Jacób, a sua divida vai ser satisfeita, mas antes de tudo hade ouvir-me. Ha ladrões que, embrenhando-se pelas mattas, assaltão os viandantes de pistola e faca; ha outros que roubão de luva de pelica nos salões da nossa

aristocracia, estes têm por campo de batalha uma mesa de jogo; ha outros finalmente, os mais corruptos que são aquelles que, arrimados á um balcão, roubão com papel, penna e tinta. O senhor faz honra á esta ultima especie: é um ladrão, e um ladrão muito mais perigoso do que os outros. Dê-me essa letra, documento authenticico de sua infamia, e tome o seu dinheiro (*tira o dinheiro da mão de Macedo, e esfrega-lhe na cara*).

JACÓB.—Ora senhor doutor não se zangue; deixe-se de brincadeiras.

MAC. (*abraçando á Noqueira*). Obrigado, meu amigo, obrigado. Acabas de provar que tens uma alma grande e generosa, que no meio dos risos e folguedos proprios da nossa idade não olvidas esses sentimentos sagrados que tanto ennobrecem o coração do bom amigo. Obrigado, obrigado.

JACÓB (*que durante esse tempo está contando o dinheiro*) Está exacto. Agora vamos fazer outra visita. O dia está feliz.

NOG.—Ponha-se fóra (*todos toçãõ á Jacób pela porta fora.*)

TRIND.—Viva a pandega! (*cahe na cama*).

NEVES (*olhando ao redor da scena.*) Que cynismo!

(*Toca a orchestra a ultima quadrilha da Corda sensivel; dançãõ todos o kankan*)

—Cahe o panno.—

—37—
Maio 9 de 1849

José Bas de Lanas

JUIZO CRITICO.

Meia Hora de Cynismo.

Diziam que a nossa comedia de costumes estava enterrada na sepultura do Penna. Habeis escriptores têm trabalhado por desenterral-a de lá, e aos esforços dos Alencares e Macedos vem junctar-se de vez em quando mais de uma esperança lisonjeira.

O Snr. França acaba de proval-o. Sua primeira composição revela um talento de observação dos mais felizes. Dentro em pouco, si continuar a trabalhar, pode dar os bons-dias de chapeo na cabeça ao immortal auctor do *Noviço*.

Comtudo, a *Meia Hora de Cynismo* não é ainda uma realidade, é um ensaio, uma promessa com garantia de cumprimento. Logo que o auctor sahir do acanhado circulo dos costumes academicos para en-

trar nos do grande mundo, hade desenvolver, tenhamos fé n'elle, todos os recursos de seu talento e continuar a bella, mas difficil obra da comedia nacional.

Ha muita originalidade n'este nosso mundo academico, muito typo curioso, muito cacoethe de que nós mesmos, para servir-me de uma palavra de G. Sand, rimo-nos paternalmente. O Snr. França conhece-os á fundo, e com sua varinha de condão soube animal-os com uma naturalidade que a platéa, isto é, o publico academico reconheceu-se no retrato e applaudiu a habilidade do poeta.

Tambem, fóra d'aqui não seria comprehendida uma palavra da *Meia Hora de Cynismo*. Os costumessão escolasticos, a linguagem é da giria dos estudantes; de modo que todo o interesse reside no apanhado intelligente e sabio dos traços mais salientes da nossa vida.

Trindade é o typo do caloiro: desconfiado, pragueja contra as vaias, « esses prejuizos academicos que herdámos da velha Coimbra, » blasona da reputação sustentada entre os collegas, discursador eterno, namorador por necessidade, dizem elles, de refocillar o espirito das arduas e abstrusas fadigas do direito romano.

Nogueira está no pleno gozo dos direi-

tos de cidade: conferiu-lh'os a matricula no segundo anno; tem diploma de vaista e ampla licença de brincar e debicar com os amores do caloiro, mesmo porque já perdeu a illusão dos seus. Nogueira é alem disso excellente rapaz, generoso, e livra um collega das garras de um credor acompanhado de um beleguim de justiça.

Neves é o cynismo legitimado em face das Ordenações do Reino. Quem deixou aquella doce vida de segund'annista e embrenhou-se na çarça espinhosa da legislação civil e criminal, não pode deixar de inclinar a cabeça sobre o peito e chorar o passado que não volta. Ha grande differença do cynismo para o *spleen* da sudsuda raça britannica: não ha exemplo, nos annaes da faculdade, de um *cynico* que tenha feito saltar os miolos da cabeça. Provavelmente porque sabe o uso que hade fazer delles.

Macedo, o quart'annista, tem já metade da severidade do jurisconsulto. Contrahiu uma divida que não pode pagar, e por isso vê sua dignidade em apuros. Mas Nogueira é um amigo dedicado e salva-o das consequencias de um momento de irreflexão.

Frederico é um bicho fugido do colle-

gio, bicho chronico, que já viu entrar e sahir muitas gerações pelos geraes da academia, e narra as lendas dos tempos heroicos aos cursistas que se succedem. A experiencia dos annos dá-lhe o direito de perguntar á Nogueira qual é a Ordenação que invalida as dividas contrahidas pelo filho familia.

A acção . . . Não tem acção, é um quadro de costumes, é uma *prosa*, e simplesmente isto. E por isso, repito, a *Meia Hora de Cynismo* é apenas uma promessa.

As adhesões da platéa mostraram ao joven escriptor quanto ella confia em seu talento. E como aqui a platéa é o corpo academico, creio poder traduzir seus applausos n'uma merecida saudação ao Molière do quarteirão latino.

25 de Agosto.

MACEDO SOARES.

A' proposito da Comedia original «Meia hora de Cynismo» do quarto-annista o Sr. Joaquim José de França. (*)

CORREIO PAULISTANO de 20 de Julho de 1861.

.....
.....
«*Meia hora de Cynismo*, como intitoulou o Sr. França a sua bella composição, é uma comedia cheia de verdades e de espirituosos ditos, é um quadro perfeito da vida academica com seu verso e reverso, com suas alegrias e tristezas, com seus costumes especiaes, algumas vezes extravagantes mas sempre cheios de belleza e de poezia.—Quanto á nós, é a primeira composição feliz que temos visto neste genero ; os personagens estão bem traçados, as scenas bem combinadas, a linguagem sem affectação, finalmente tudo muito con-

(*) Incumbidos da publicação da presente comedia que tanta acitação mereceu da parte do publico, não achamos fóra de proposito mencionar aqui as phrazes animadoras que diversos jornaes dirigirão ao seu auctor. E pois o fazemos com tanto mais prazer, quando vemos que taes elogios são justamente devidos, e dignamente applicados.

O EDITOR.

forme com a realidade e de acordo com as exigencias da arte. Dirigimos nossas felicitações ao talentoso auctor, cuja vocação artistica deve aproveitar, mimoseando o nosso theatro com outras composições.

«A representação da comedia correu muito bem ; os Srs. Furtado Coelho, Henrique, Leal, e Joaquim Camara estiverão perfeitamente caracterisados, e agradarão muito nos seus papeis no que os acompanhou o Sr. Peregrino. Sem offensa á melindres, faremos sobresahir o papel de *Trindade*, feito pela Sra. D. Eugenia que nada deixou á dezejar quer pelo lado da arte, quer pelo lado da naturalidade. O *Caloiro* personificou-se na pessoa da distincta actriz ; a figura, a falla, o gesto, o andar, os movimentos, finalmente tudo retratou com fidelidade esse typo academico pelo lado que o auctor o encarou.

«As palmas dadas aos actores, e as felicitações dirigidas ao auctor, forão justas e merecidas. Ainda bem ! A estada de Furtado Coelho e D. Eugenia Camara entre nós, tem despertado muitos talentos que não apparecião, porque temião o máo resultado das suas tentativas ; felizmente semelhante temor desapareceu, e como todos veem, as composições surgem como por encanto. Novos dramas e comedias vão

entrar em ensaios e a gloria que destes trabalhos sobrevier aos seus autores, será repartida por aquelles que dignamente representão a arte em todo o seu esplendor e magestade. Jamais esqueceremos as palavras de Byron—Away! Away!»

19 de Julho do 1861.

Antonio Manoel dos Reis.

CORREIO MERCANTIL da Côrte, de 26 de Julho de 1861.

«A mocidade estudiosa, que por passatempo conversa em politica, e por curiosidade informa-se dos seus combates, por amor dedica-se á sciencia, por gosto ás letras, por inspiração á arte. Assembléa Augusta dos iniciados na divina idéa, ella é cosmopolita pela intuição do futuro, altamente patriótica pelas circunstancias deste momento do tempo, em que vive, chamado seculo XIX. São, na verdade, imponentes esses missionarios do pensamento ! uns aspirão aos fóros do juriscônsulto, outros ás grandezas do litterato, outros á corôa de louros do poeta, mas todos pelejão contra o mesmo inimigo, mas todos combatem pelo triumpho da mesma fé.

«Bem vindos sejam, pois, os Srs. Joaquim José de França e Antonio Manoel dos Reis que acabão de nos dar : aquelle a comedia = *Meia hora de Cynismo*, = este a scenã comica = *Depois do baile*, = ambas pinturas mais ou menos felizes de episodios da vida do estudante de S. Paulo ! Meditem e estudem os jovens escriptores, e confiẽm no futuro.»

Do correspondente de S. Paulo.

CIVILISAÇÃO de Santos, de 28 de Julho .
de 1861.

.....
.....
«Merecem louvores os nossos collegas
auctores da scena comica=*Depois do baile*
=*e da comedia de costumes=Meia hora*
de Cynismo.=

«Trabalhem os nossos collegas : nobi-
lita sempre o trabalho, e os d'aquella natu-
tursa até glorificação.

«Aproveitem a presença da distincta actriz
Eugenia Camara, que de sua parte presta-
se sempre á interpretação das composições
nacionaes, e terá jus aos nossos agradeçi-
mentos.»

Do Correspondente de S. Paulo.

« O TYMBIRA » (jornal academico) de 22 de Julho de 1861.

« Na noite de 17 do corrente a companhia dramatica levou á scena a comedia do nosso collega o Snr. Joaquim José de França intitulada—*Meia hora de cynismo*; —foi bem representada e fervorosamente applaudida; seu talentoso auctor obteve um brilhante triumpho.

« Compete-nos agora dizer-lhe que não descance, que trabalhe, trabalhe sempre, para enriquecer o nosso theatro.—Os artistas brilharão no desempenho dos seus papeis —Depois dos applausos da platéa é justo que agora venhão os da imprensa. »

DO NOTICIARIO.

« O TIMBIRA » (jornal academico) de 29 de Julho de 1861.

« « O Snr. França com a sua comedia de costumes academicos—*Meia hora de cynismo*—levada á scena em um dos expectaculos passados, fez o publico rir até pôr a mão nas ilhargas. Parecia que todos os expectadores rião-se porque alguem lhes fazia cocegas. E então quando chegou o *Snr. Jacob* foi um rizo homerico !

« Que melhor ovação pode ter o auctor de uma composição dramatica deste genero ? As moças rião-se perdidamente, e aquelle riso assim assim ão sei como, fez-me ficar desconfiado e del-le tomar nota na minha *carteira*.

« O que nelle achei extraordinario só direi, se for interpellado por alguem que tem direito de o fazer. »

* *

« REVISTA COMMERCIAL de Santos » de
1.º de Agos-to de 1861.

« Ultimamente subiu á scena o drama
de castello Branco, intitulado—*Justiça*—a
comedia do Snr. Furtado Coelho—*Procu-
re-me depois de amanhã,*—e *Meia hora de
cynismo*—mimosa composição do distinc-
to quarto annista o Snr. Joaquim José de
França.

.....
.....

« *Meia hora de cynismo*—agradou ex-
traordinariamente não só pelo real mere-
cimento da comedia, como ainda porque,
todõs os actores esmerarão-se no desem-
penho dos seus papeis. Todos elles fo-
rão chamados á scena, e freneticamente
applaudidos, tendo sido antes felicitado o
auctor da composição cujo talento somos
o primeiro á admirar. »

Do correspondente de S. Paulo.

— — —

COURRIER DU BRÉSIL—11 Août 1861.—
Meia hora de Cynismo, (une demi-heure de cynisme,) est une jolie comédie d'un étudiant en droit de quatrième année. Les journaux de S. Paulo sont d'accord à féliciter l'auteur M. Joaquim José de França sur cette composition. Nous inscrivons avec plaisir ce succès littéraire.

Nouvelles diverses

Maio 9 de 1873

José Pinas de Saviol

Em virtude da lei que garante a propriedade litteraria, não poderá esta comedia ser reimpressa ou representada em qualquer das Provincias do Imperio sem o consentimento do Author.

S. Paulo 16 de Setembro de 1861

França Junior.

751

En virtud de los que para el presente se han
de librar, no podrá esta comedia ser re-
impresa en adelante sin el consentimiento de
su autor.

En Madrid a 10 de Octubre de 1801

Francisco J. de...

19337

